

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1981. 2ª ed. 692p. Resumido por JH Hack em 1986.

Prólogo: o Antigo Oriente antes do ano 2000 aC

A. Fundamentos da civilização

1. Idade da Pedra. Transição para vida em aldeamentos. Vida de caça e pilhagem, economia de produção de alimentos e criação de animais. Jericó é o mais antigo aldeamento conhecido (8000 AC). De acampamentos pra cidade permanente: fortificações, casas de tijolos, sistema de irrigação, intercâmbio comercial, comunidades agrícolas, cerâmica.

2. Mesopotâmia. Era Calcolítica (pedra e cobre): introdução do metal (5º ao 4º milênio), agricultura mais desenvolvida, cidades, escrita, cerâmica pintada, culturas pré-dinásticas, desenvolvimento urbano, diques e canais, templos, uso de cobre (sinetes), cozimento de cerâmica, documentos escritos. Sumérios: introduziram escrita, povoaram Baixa Mesopotâmia.

3. 4º milênio. Palestina: instrumentos de pedra e cobre, casas de tijolos, alicerces de pedra, região bem povoada. Egito: mais pobres, isolamento cultural, agricultura desenvolvida, trabalho em minas, hieróglifos, intercâmbio cultural (arquitetura, cerâmica, sinetes).

B. O Oriente Antigo no 3º milênio

1. Mesopotâmia.

- Idade clássica sumeriana (±2850-2360). Cidades-estado: teocracias governadas pelos representantes dos deuses. Vida econômica em torno do templo. Contatos comerciais e culturais de grande amplitude. Grande volume de literatura.
- Religião altamente politeísta (chefe: Enlil), deuses cósmicos. Calamidades vêm da ira dos deuses; prestavam cultos pra acalmá-los.
- Semitas: os acádios. Coexistência com sumérios e assimilação da sua cultura. Nômades. Miscigenação de raças possível.
- Império de Akkad (2360-2180): 1º império da história, fundado por Sargão. Derrotou cidades-estado sumerianas e dominou até a Alta Mesopotâmia. Estado centralizado no palácio e não mais no templo.

2. Egito e Ásia Ocidental. união entre Alto e Baixo Egito (1ª dinastia, 29º século).

- Império Antigo (29º ao 23º século). Florescimento cultural na 3ª dinastia (±2600), época das pirâmides (mais antiga: dos Degraus, Mênfis). Encontrados textos religiosos nas pirâmides da 5ª e 6ª dinastia. Contato com Ásia. Campanhas militares. Minas de cobre.
- Estado e religião: organização difere da Mesopotâmia. Faraó era deus. Absolutismo completo. Religião politeísta e confusa.
- Palestina na Idade do Bronze. Cultura nem remotamente comparável às do Egito ou Mesopotâmia. Progresso admirável no 3º milênio: grande desenvolvimento urbano, cidades-estado, aumento da população. Aparecimento de cidades “bíblicas”: bem construídas e fortificadas (muralhas de 7 a 9m). População predominantemente cananéia.

3. Antes dos patriarcas.

- Mesopotâmia. Queda de Akkad e renascença sumeriana em Ur III (±2060-1950): edificações, atividades literárias, mais antigo código de leis conhecido. Cultura sumeriana em declínio após curto período. 1500 anos de um povo se passaram.
- Egito: 1º Período Intermediário. Poder do faraó declina no fim da 5ª dinastia (±22º século). Inicia período de desordem e depressão. Desunião interna com disputa pelo trono, fortalecimento dos nobres, invasão de seminômades. Literatura rica neste período. Na metade do 21º século, o Egito se recupera com a 11ª dinastia: inicia o Médio Império. O Egito viveu toda uma história antes de Abraão!
- Palestina. Invasores nômades, no final do 3º milênio, destruíram cidade após cidade da Palestina e Síria. Só no 19º século começou a vida urbana.

Capítulo 1: o mundo das origens de Israel

A. O Antigo Oriente de 2000-1750

1. Mesopotâmia.

- Queda de Ur III, invadida por amoritas no início do milênio. Até 18º século, toda a Mesopotâmia era governada por amoritas.
- Rivalidades dinásticas na Baixa Mesopotâmia. Período de instabilidade política e econômica. Surgimento da Babilônia. Códigos de leis neste período (anteriores a Hamurabi e, como este, semelhantes a Ex 21-23).
- Estados rivais na Alta Mesopotâmia. Estabelecimento de Mari e da Assíria. Invasão da Babilônia.

2. Egito e Palestina.

- 12ª dinastia (1991-1786). Auge do desenvolvimento. Artes, ciências. Idade de Ouro.
- Egito na Ásia. Incursões militares e domínio da Palestina.
- Reorganização das aldeias na Palestina. Reinício da vida sedentária.
- Egito. Poder em declínio a partir de 1780.

B. Antigo Oriente (1750-1550)

1. Mesopotâmia. Luta pelo poder. Sul: expansão de Larsa (governada por Rim-sin); Babilônia com território pequeno. Norte: expansão da Assíria e de Mari (idade de ouro). Com Hamurabi no poder (1730-1680), Babilônia dominou Assíria, Larsa, Mari e demais cidades. Florescimento cultural. Código de leis (descrição da tradição legal existente).

2. Período de confusão.

- Egito. Declínio do poder pela invasão dos hicsos (povos amoritas e canaanitas) entre 1650-1540. Expulsão dos invasores na 18ª dinastia.
- Mesopotâmia. Invasão de novos povos, principalmente hurrianos e indo-arianos. Declínio do poder da Babilônia (após 1680).
- Palestina. Invasão de povos. Sob domínio de faraós hicsos. Sistema de cidades-estado fortificadas, estrutura feudal.
- Babilônia. Declínio total após invasão dos hititas (1530). Assíria também fraca. Mesopotâmia confusa, Egito em ascensão.

Capítulo 2: os patriarcas

A história dos patriarcas (Gn 12-50) nos relata que os antepassados de Israel vieram da Mesopotâmia e vagaram por Canaã sustentados pela promessa do seu Deus de que um dia ela lhes pertenceria. Tudo que conhecemos da vida de Israel antes de ser um povo na Palestina nos é relatado no Hexateuco. Precisamos determinar sua validade histórica.

A. Narrativas patriarcais

1. Avaliação. Não são documentos da época.

- Hipótese documentária. Crítica bíblica do séc 19 consensou haver 4 blocos maiores de composição (J, E, D e P), com tradições não confiáveis. Abraão, Isaque e Jacó foram negados como pessoas – eram mitos. Hoje [1960] se reconhece o erro, mas a hipótese permanece.
- A partir das escavações, descobriu-se muito sobre a época patriarcal. Verificou-se que não projetaram para o passado uma realidade posterior, mas relatam a realidade de sua época, transmitida durante muito tempo via tradição oral.
- J e E são semelhantes e descendem da mesma tradição comum que remonta à idade patriarcal.
- É impossível reconstituir a história das origens de Israel. Relatos bíblicos são teológicos, não consideram o fundo histórico onde os personagens vivem. Ex: Abraão era chefe de um clã (compare Gn 12:5;

13:1-13; 14:14). Evidências arqueológicas tornam aceitável o relato mas não provam nada. O caminho é examinar as tradições bíblicas contra o cenário da época e emitir juízos a partir disso.

B. O ambiente histórico das narrativas

1. 1ª metade do 2º milênio. A história patriarcal se encaixa muito bem no 2º milênio, especialmente no ambiente descrito até agora, e não em qualquer ambiente posterior.

- Os nomes dos patriarcas (Jacó, Abraão, Naor, Terá, Serugue, Benjamin, Zebulon, Gad, Dã, Levi, Ismael, Aser, Issacar) aparecem em documentos da época, mostrando que eram nomes comuns na população amorita do começo do 2º milênio.
- Diversas narrativas só podem ser explicadas à luz dos costumes daquela época: relacionamento com escravos (Eliezer, Agar), casamentos, primogenitura.
- Seminômades em tendas, que viajavam em burros, procurando pasto para rebanhos, é uma descrição dos patriarcas que se encaixa completamente dentro da época.
- As evidências bíblicas não permitem nenhuma conclusão, mas convencem que Gn 12-50 deve ter ocorrido entre o 20º e o 17º século. É plausível relacionar José com os hicsos no Egito.

C. Antepassados hebreus e história

1. A migração dos patriarcas.

- A tradição bíblica é unânime em atribuir a origem dos patriarcas em Harã (Gn 11:32; 12:5; 27:43; 28:10; 29:4) ou Padã-Arã (mesma área), isto é, na Mesopotâmia.
- Os paralelos com as instituições e costumes de Mari, e a semelhança com a tradição legal e com as narrativas da criação e dilúvio, apontam as origens de Israel na Mesopotâmia.
- Não é impossível que Abraão tenha saído de Ur, mas é provável que tenha partido de mais ao norte.
- Os antepassados de Israel foram uma mistura de muitas raças, conforme se nota pelo seu parentesco com Amom, Edom, Moabe e tribos árabes (Gn 19:30ss; 36; 25:1-18). Entretanto, tinham fortes convicções de sua ascendência arameia (Gn 25:20; 28:1-7; 31:20,24; Dt 26:5).

2. Figuras históricas.

- A ideia dos patriarcas como mitos pra representar o passado de Israel foi abandonada. Eram indivíduos reais e chefes de clãs consideráveis. Suas ações refletem os movimentos de grupos que ocorreram, que devem ter sido mais complexos que as narrativas indicam.
- ‘Apiru. Parece se referir a um estrato de sociedade, não a um povo (são conhecidos em diversas terras e tempos; seus nomes são de diversas línguas). Eram pessoas sem cidadania e sem lugar fixo, às vezes seminômades. É lícito pensar que os patriarcas eram desta classe. Paralelos entre ‘Apiru e Hebreu são muito tentadores. Embora não se chamassem como hebreus, identificavam-se como tais para os outros povos.
- Os patriarcas migraram da Mesopotâmia (Harã). Eram pastores pacíficos à procura de pasto para seus rebanhos. Combatiam se necessário ou propício. Desceram ao Egito e acabaram se tornando escravos do Estado.

3. Religião patriarcal. Moisés foi o fundador da religião de Israel, mas Abraão aparece como um antepassado desta religião. Isto está de acordo com os fatos?

- Não é fácil compreender a religião patriarcal a partir do Gn. A corrente javista afirma que o Deus dos patriarcas era o próprio Yahweh (embora Ex 6:22ss afirme que Ele não lhes era conhecido por este nome). Outras correntes falam apenas de Elohim. Teologicamente não há contradição em igualar o Deus de Israel com o Deus dos patriarcas. Mas não podemos atribuir a fé do futuro Israel aos patriarcas (nem afirmar que sua religião era animismo/polidemonismo).
- O Deus dos patriarcas. A relação pessoal e contratual entre o chefe do clã e o deus do clã conforme narra Gn tem paralelos nas sociedades da época. Esta relação se ilustra nas invocações (Deus de Abraão, Temido de Isaque, Poderoso de Jacó) e nos nomes correntes (compostos com ‘ab=pai, ‘ah=irmão, ‘amm=povo). Outros nomes também evidenciam que Deus era adorado sob o nome de El.
- É impossível descrever em detalhes (exceto o que Gn narra) a religião dos patriarcas. Antes pagão, Abraão passou por uma experiência religiosa (aliada a fatores econômicos), que o fez sair de sua terra.

A relação pessoal entre o patriarca e seu deus é autêntica, fundamentada por uma promessa e selada por uma aliança. A promessa era o que desejavam os seminômades: terra e prosperidade. Era uma religião de clã, onde o Deus patrono tinha prioridade, mas nem sempre exclusividade. O culto é simples, sem clero organizado, sem sacrifícios humanos.

- Embora diversos elementos e tradições se unam a Israel posteriormente, a herança legal e religiosa – fé, promessa e aliança – foi transmitida pelos patriarcas a seus descendentes. Não representam apenas o nascimento de Israel para a Palestina: suas crenças peculiares ajudaram a dar forma à religião de Israel. Com eles começou a busca pelo cumprimento da promessa, satisfeita só no NT. Abraão começou muito mais do que pensava começar. Não é sem razão considerado por judeus e cristãos como o pai de toda a fé.

Capítulo 3: a formação do povo de Israel

A. Ásia Ocidental: o Império Egípcio

1. Nascimento. Após a expulsão dos hicsos, o Egito se fortaleceu e a 18ª dinastia (1552-1306) o levou ao auge do poder, dominando desde o Eufrates até a Núbia.
2. Período de Amarna. Com Akhenaten surgiu um período ruim para o império, devido aos conflitos religiosos com os sacerdotes, pois o faraó adorava um único deus (Aten). A luta interna enfraqueceu o Egito e os hititas e assírios se fortaleceram.
3. 19ª dinastia. Com a ascensão de novos faraós, o Egito se fortaleceu. O confronto com os hititas foi inevitável e durou décadas, até um pacto de paz ser assinado. Durante este período, Ramsés II edificou cidades com o trabalho escravo dos ‘apiru. Os sucessores de Ramsés viram o declínio do império, e os próprios hititas desapareceram, ambos sufocados pelas invasões dos “povos do mar”.
4. Canaã no séc XIII. A população pré-israelita era composta principalmente por amoritas e cananeus, que eram muito semelhantes entre si. Suas cidades eram bem construídas e sua sociedade tinha caráter feudal. Tinham comércio intenso com o Egito e a Mesopotâmia. Aperfeiçoaram-se na escrita. Sua religião foi uma forma degradante de paganismo, salientando-se o culto da fertilidade (com prostituição, homossexualidade, orgias). A Palestina era uma colcha de retalhos com vários mini-estados, que se enfraqueceram com o declínio do Egito. Na Transjordânia se estabeleceram os edomitas e moabitas e, mais tarde, amonitas e amoritas.

B. Tradições bíblicas à luz da evidência

1. Êxodo.

- Embora não haja provas egípcias da presença de Israel, ninguém duvida da sua estada ali, entre os muitos semitas e escravos ‘apiru que aparecem nos textos da época. Os próprios nomes (Moisés, Ofni, Fineias, etc) são de origem egípcia.
- Não temos evidência extrabíblica do Êxodo, mas uma crença tão profunda e antiga não admite dúvidas de sua existência. Nada podemos acrescentar ao que a Bíblia diz, nem determinar o local exato da travessia do mar.
- Data: quase certamente no séc XIII, conforme exigem as evidências arqueológicas da conquista e a inscrição egípcia que fala de Israel na Palestina cerca de 1220. É plausível supor que o faraó Setos I (± 1300) deu início à opressão de Israel ao iniciar a restauração de Avaris (=Ramessés, Ex 1:11), e que Ramsés II foi o faraó do Êxodo. 1Re 6:1 pode ser entendido como 12 gerações, que são ± 300 anos (12 x 25), o que coloca o Êxodo em 1260 (Salomão = 960).

2. Peregrinação no deserto. é impossível identificar com certeza qualquer dos lugares mencionados, nem mesmo o monte Sinai. Porém não se pode duvidar de que foi lá que Israel recebeu sua formação como povo. As origens de sua religião estão no deserto, e não há em parte alguma evidência de javismo antes desta época. A figura de Moisés não pode ser negada: ele foi o fundador da religião de Israel. A tradição bíblica não pode ser reconstruída com base nas evidências, mas é certo que se fundamenta na memória de acontecimentos históricos.

3. Conquista da Palestina. A tradição bíblica da conquista apresenta certos conflitos entre a narrativa de Js 1 a 12 (conquista repentina e completa com todo Israel) e a de Jz 1 (conquista aos poucos por cada tribo). Não se pode dizer que Israel conquistou toda a Palestina de uma só vez, mas também não se pode supor que a

conquista foi uma ocupação pacífica e gradual sem sangue. Evidências arqueológicas confirmam a destruição de diversas cidades cananeias no séc XIII, seguidas de colonizações precárias. Conclui-se portanto por uma ocupação gradual que envolveu lutas violentas.

C. Formação do povo de Israel

1. Complexidade das origens. A Bíblia dá a impressão de que Israel surgiu dos filhos de Jacó que se multiplicaram no Egito e saíram de lá juntos. Mas não foi tudo tão simples. É impossível que todo Israel tenha participado do êxodo (Nm 1:46 exagera; só havia 2 parteras para os hebreus cf Ex 1:15; têm medo do inimigo mais numeroso). Eram um grupo misto e não descendiam todos de Jacó (Ex 12:38; Lv 24:10; Jz 1:16; Js 14:13s) = muitos eram “convertidos”. A conquista não foi completa. Israel passou a incorporar povos que antes até tinham oferecido resistência (Jz 1:21; Js 17:2ss; 9; 12:17-24; Gn 34). Isto não esgota o assunto, mas demonstra a complexidade da formação do povo de Israel.

2. A ocupação de Canaã. A infiltração na Palestina foi pacífica: clãs nômades se estabeleceram na região e depois entraram em conflito com os vizinhos. É improvável supor que os israelitas irromperam repentinamente do deserto numa avalanche destruindo tudo à sua frente. Foi um grupo pequeno que saiu do Egito. Como conquistaram a Palestina? A conquista foi até certo ponto uma “operação interna”. Muitos hebreus já estavam na Palestina há tempo e se uniram aos israelitas vindos do Egito. Muitas cidades foram conquistadas pela luta, e muitas outras pela revolta interna do povo (descontente com a opressão dos governantes), que se uniu a Israel. É desnecessário perguntar quais das 12 tribos fizeram parte deste Israel inicial que saiu do Egito. Não havia ainda “tribos”. Como este grupo que participou do êxodo era o núcleo verdadeiro de Israel, a Bíblia tem razão em insistir que todo o Israel estava presente nestes acontecimentos. Após toda a conquista, os representantes de todo o Israel (os que estiveram no deserto e os que se uniram a eles depois) reuniram-se em Siquém e se comprometeram, numa aliança solene, a ser o povo de Yahweh e a adorar somente a Ele.

Capítulo 4: constituição e religião de Israel

Não se pode traçar a história de Israel sem considerar sua religião, pois foi ela que singularizou este povo, separando-o dos outros que o cercavam e tornando-o um fenômeno especial e diferente.

A. A religião de Israel primitivo

1. Problema e método. Como saber que características da religião mosaica são primitivas e quais refletem crenças dos séculos subsequentes? Os críticos antigos descreviam a religião inicial de Israel como “crença em um só deus tribal, sem negar a existência de outros” (henoteísmo). Esta é uma descrição insuficiente. Muito do Pentateuco remonta ao período primitivo. Tem-se evidências sobre a religião de Israel entre o 13º e o 10º século, que apontam para o deserto e Moisés como formadores da essência de sua religião.

2. A sociedade da aliança. A religião de Israel não se fundamentava em ideias abstratas sobre Deus, e sim na memória de uma experiência histórica de libertação e compromisso.

- Eleição e aliança. Desde os tempos mais remotos, Israel se considerou como povo escolhido por Yahweh (mas não por seus méritos), objeto de seus favores especiais. O estabelecimento de um pacto solene com Yahweh unificou o povo criando a liga tribal (Js 24).
- A aliança entre Israel e seu Deus foi estabelecida nos moldes das alianças entre suseranos e vassalos do 2º milênio: identificação do suserano, prólogo histórico, obrigações, bênçãos e maldições. Isto tem profundo significado teológico: através de um juramento solene, as tribos de Israel aceitaram o domínio total do Deus Todo-Poderoso que os livrou como seus vassalos, e se empenharam em viver sob Sua dominação de acordo com as regras estipuladas.
- A aliança significava a aceitação da soberania de Deus por Israel, o início da noção de Reino de Deus. Não era um trato entre iguais, e sim uma obrigação religiosa baseada na graça de Yahweh. Exigia obediência para ser mantida: Israel não podia ter contato com outro deus-rei e devia obedecer à Sua lei em tudo. Isto explica o ataque profético posterior contra o pecado nacional e a importância da lei na história de Israel.
- A aliança, embora exigindo obediência, trazia uma segurança explícita da presença do Senhor indefinidamente. Com o tempo, a religião de Israel nunca alterou sua essência (eleição e aliança).

3. O Deus da aliança. A religião de Israel não se centrava na sua idéia de Deus. Entretanto, seu conceito de Deus foi ímpar no mundo antigo. O nome Yahweh, derivado provavelmente do verbo “ser”, indica “o Deus que cria, que faz ser”. Desde o início, Israel adorou um Deus supremo de domínio cósmico (e não divindades de natureza local). A adoração a outros deuses era proibida: o vassalo só pode ter um suserano. Yahweh é Deus zeloso, sem rivais, sem consorte, sem panteão, sem origem. Assim, Israel não tinha mitos nem aceitou os de fora. Não negava a existência de outros deuses, mas negava efetivamente seu status como deuses. Outros deuses eram irrelevantes para Israel, somente Yahweh é Deus. Em contraste com outras religiões, o javismo proibia a representação da divindade em imagens (2º mandamento), libertando o povo do conceito de que Deus poderia ser manipulado através de sua imagem. Pelo contrário, é Yahweh quem manipula a natureza e a história, revelando-se a Israel através de atos salvadores. Não era um deus que mantinha o status quo e que podia ser acalmado por rituais, mas um deus que chamou seu povo para um novo futuro, exigindo obediência à sua justa lei. A religião de Israel foi a única que teve um senso profundo do objetivo divino na história.

B. Constituição do Israel primitivo

1. A liga tribal. Encontramos Israel na Palestina organizado em 12 clãs, devido à aliança que estabeleceram com Yahweh.

- A família de Jacó (6 filhos de Lia, 2 de Zelfa, 2 de Raquel e 2 de Bila) reflete a consciência de diferentes graus de parentesco entre as tribos, uma pré-história que não pode mais ser seguida. Não há ligação com as possessões reais das tribos. Apesar do tamanho de algumas tribos, todas tinham a mesma posição. O número doze foi conservado com vigor: Levi deixou de ser tribo e José dividiu-se em Efraim e Manassés.
- Israel não tinha unidade racial ou nacional; não tinha Estado nem capital. A aliança com Yahweh criou sua sociedade e a manteve coesa e em paz. A sociedade era tribal e patriarcal e os anciãos julgavam os problemas que surgiam. O foco da confederação era o templo, que abrigava a arca da aliança (Silo). Ali se reuniam em festas, cultos e para discutir assuntos de interesse mútuo. Este sistema (anficionia) tem paralelos com ligas gregas e italianas e com listas de tribos dos vizinhos de Israel (Gn 22:20-24; 25:13-16; 36:10-14; 25:2). O número 12 ou 6 foi ditado provavelmente pela necessidade de revezamento mensal na manutenção do templo. Israel diferia de outros povos não pela sua forma externa, mas pela natureza do seu deus. Jz mostra como funcionava esta liga: Israel vivia uma existência precária, cercada de inimigos, mas sem governo. Em tempos de perigo, surgia um juiz que convocava as tribos para repelir o inimigo (o chamado militar era parte da aliança). Sua função, porém, não era absoluta, permanente ou hereditária. Sua autoridade dependia do seu carisma e expressa bem a religião e constituição do Israel primitivo: o Deus-rei governava diretamente seu povo, através de representantes designados por Seu Espírito.
- Como javismo e aliança são coterminos, podemos concluir que a sociedade da aliança se originou no deserto (no Sinai). Certamente, a comunidade formada no Sinai não era a liga em sua forma normativa, mas uma confederação de unidades familiares menores. À medida que este núcleo em aliança com Yahweh foi peregrinando, se desmembrou e proliferou, recebendo consideráveis acréscimos de convertidos. Ao chegar na Palestina, com a ajuda de elementos descontentes que se bandearam para o seu lado, o grupo alcançou vitórias espetaculares. Devemos presumir, pois, uma liga de clãs antecedente à conquista, que se constituiu normativamente em liga tribal através da aliança em Siquém: uma nova aliança (com nova geração e com elementos neoconvertidos) que representa uma reafirmação da aliança do Sinai, que fundamentou a existência de Israel.

2. As instituições da liga tribal. A religião de Israel, como em todas as sociedades, se expressa em certas instituições tangíveis, sendo importantes o templo, o culto e a lei.

- O ponto focal da liga israelita, através de sua história, foi o templo que abrigava a arca da aliança. Existiam outros templos, porém este era oficial e o coração da vida religiosa da liga, provavelmente situado em Silo.
- Um clero chefiado por um sumo sacerdote (provavelmente hereditário) atuava no templo. A exigência de ser levita não devia estar em vigor ainda. Os templos locais eram servidos por homens de várias origens (ex: 1Sm 1:1, cf 2:18ss). Entretanto, os levitas gozavam de prestígio (Jz 17:7ss) e eram preferidos nos templos. Por outro lado, “levita” era uma designação funcional e homens de outros clãs podiam ser reconhecidos como levitas. O sistema sacrificial de Israel guarda semelhança com o cananeu.

Os ritos de adoração do deserto foram enriquecidos com a absorção de elementos sedentários da terra. Mas só foi absorvido aquilo que era compatível com o javismo, deixando de fora o sacrifício humano, os ritos de fertilidade, o sacrifício como alimento aos deuses. O culto de Israel não se centraliza num sistema sacrificial, mas em suas grandes festas anuais (dos ázimos, da ceifa e da colheita; Ex 23; 34; além da Páscoa). Apesar de as ter absorvido do meio cananeu, Israel lhes deu nova significação: deixaram de ser meras festas da natureza para serem celebrações dos feitos de Yahweh por Seu povo. É provável que, em relação com esta festa anual, houvesse uma cerimônia regular de renovação da aliança, onde os membros das tribos ofertavam seu tributo ao Deus-rei, ouviam Seus feitos, liam Sua lei e renovavam o juramento de fidelidade a Ele. Este, e não o sacrifício, era o coração do culto na liga tribal. O culto não se destinava a manter um certo bem-estar material como em outras religiões, mas era uma recordação da sua história.

- A aliança com Yahweh pressupõe princípios que definem o relacionamento do povo com Deus e entre si. Era inevitável que se criasse uma tradição legal que aplicasse estes princípios ao cotidiano. Por isso, é certo que a lei em Israel surge desde Moisés.

C. A história da liga tribal: os juízes

1. Situação mundial em 1200-1050. Embora tenha repellido a invasão dos povos do mar, o Egito se esgotou e perdeu sua autoridade sobre suas possessões na Ásia. A 20ª dinastia viu o declínio do império, e a 21ª se contentou em administrar o caos interno. Foi neste período, após a conquista de Israel, que os povos do mar invadiram a Palestina (entre eles os filisteus que, ironicamente, iriam dar seu nome à terra). Os filisteus tinham o centro de seu poder em 5 cidades: Gaza, Asquelom, Asdod, Ecron e Gat. Dominavam o segredo do ferro (que aprenderam dos hititas). Ao se expandirem para o interior, o conflito com Israel foi inevitável.

2. Israel em Canaã: 1ºs séculos.

- As possessões de Israel não constituíam uma unidade territorial perfeita. Tanto a faixa costeira como a planície de Esdrelon permaneceram fora de seu controle, separando as tribos da Galileia das demais. O vale do Jordão separava as tribos ocidentais das orientais. Fatores como este explicam a desunião revelada por Jz. Israel teria dificuldades em se manter unido, não fosse o poder espiritual da liga da aliança com suas instituições. O período de Jz foi uma adaptação entre os recém-chegados do deserto e as pessoas absorvidas em Canaã. Muitos elementos da cultura religião cananeia foram assimilados. Alguns israelitas ex-cananeus confundiam javismo e adoração a Baal. Este foi um período de muita irregularidade teológica.
- Os juízes eram de caráter diferente e lideraram porções de Israel contra os inimigos devido ao seu carisma pessoal.
- Apesar de sua forma desunida, o sistema tribal sobreviveu por quase 200 anos. Suas guerras eram defensivas; não podiam manter pureza do javismo; não evitavam rixas entre si; não se livravam da presença dos inimigos. Não se fez esforço algum para criar um Estado. As emergências enfrentadas, geralmente de caráter local, eram resolvidas com uma convocação informal das tribos.

Capítulo 5: da confederação tribal ao estado dinástico

A. Primeiros passos: Saul

1. Filisteus. Os conflitos se tornaram cada vez mais intensos, até que eles se lançaram à conquista de Israel.

- Os filisteus não eram muito numerosos, mas eram organizados, com longa tradição militar e melhores equipados.
- O golpe decisivo dos filisteus foi desferido cerca de 1050, quando a arca foi capturada (1Sm 4) e Silo destruída. Israel não podia fabricar armas e foi ocupada pelas guarnições dos filisteus (1Sm 10:5; 13:3ss,23). Era impossível qualquer resistência.
- Samuel foi o líder de Israel nestes dias sombrios, perpetuando a tradição carismática dos juízes e iniciando o movimento profético em Israel (que daria continuidade à preservação da Lei e incitaria o povo a repelir o inimigo). Mas os choques esparsos com os filisteus não eram suficientes. Era preciso um líder mais forte.

2. O primeiro rei. Israel escolheu Saul como rei, pressionado pela situação emergencial, mas vacilante por ser a monarquia uma instituição totalmente estranha à tradição de Israel.

- Sua eleição se deu por designação profética e aclamação popular (Saul dera mostras de dons carismáticos como os juízes). Os sentimentos pessoais de Samuel eram ambíguos, mas decidiu, relutante ou não, devido ao pedido do povo. Logo depois, entretanto, rompeu com Saul, tornando-se seu inimigo.
- Após outras vitórias de Saul sobre os filisteus, Israel recuperou sua esperança (embora não tenham destruído o inimigo).
- Saul elevou-se como um herói carismático (como Gideão, Jz 8:22ss), sem mudar a estrutura interna de Israel. Não desenvolveu nenhuma máquina administrativa. Era um “juiz nacional”.

3. Ruína de Saul. O alívio, porém, foi temporário. Seu reinado terminou em triste ruína devido principalmente à sua insanidade.

- Saul era corajoso, modesto, vistoso, mas muito instável emocionalmente. Devido à grande pressão que sofria (ameaça filisteia, independência das tribos, manter “carisma”), Saul ficou com a mente cada vez mais perturbada. Seu desentendimento com Samuel colocou em dúvida sua posição diante do povo. Em lugar de furor carismático, agora o acometiam acessos de depressão (16:14ss).
- A popularidade do jovem Davi, famoso por suas proezas e músicas, despertou o ciúme de Saul. Este passou a persegui-lo e aos que o favoreciam. Seu comportamento perturbado, o massacre dos sacerdotes (22:9ss), o desvio das tropas (que deviam lutar contra os filisteus) para perseguir Davi, tudo desgastou sua imagem como rei, precipitando um cisma.
- Davi fugiu e se juntou com outros descontentes, atacando os filisteus ou esquivando-se de Saul quando necessário. Entre dois fogos, Davi não pôde suportar muito tempo e passou para os filisteus (27:1-4). Não era traidor: Davi fez jogo duplo e manteve sua lealdade a Israel. Sua força militar continuava a crescer.
- Poucos anos depois da fuga de Davi, a oportunidade surgiu e os filisteus investiram pesado contra Israel. A batalha, em terreno e condições desfavoráveis, estava perdida e Saul e seus filhos foram mortos.

B. A monarquia unida de Israel (±1000-961)

1. Coroação. Isbaal, descendente de Saul, foi o pretendente do trono, embora não tivesse muito apoio popular. Davi se tornou rei de Judá, com o consentimento dos filisteus e pela aclamação do povo. Formava-se um Estado de Judá como entidade separada de Israel. Israel e Judá assumiam novas conotações. Isbaal reinou por 2 anos devido à diplomacia de Davi, que não queria aumentar a separação entre Israel e Judá. Era um rei fraco e o povo não o reconhecia como um líder, acabando desacreditado e assassinado. Aclamado pelo povo, Davi se torna também rei das tribos do norte. A união do Estado de Israel, todavia, era frágil: sua base já não era mais a confederação tribal, e sim a pessoa de Davi.

2. Consolidação do Estado. A coroação de Davi gerou conflito com os filisteus, que foram derrotados e expulsos de Israel. Livre dos perigos externos, Davi se voltou para a consolidação interna do seu poder. Tomou Jerusalém, cidade estratégica (no meio do reino), e transferiu a capital para lá. Trouxe a arca, objetivando unir o recém-criado Estado à antiga ordem de Israel, como seu legítimo sucessor. Jerusalém se tornou a capital política e religiosa de Israel. Davi conquistou outras cidades-estado, terminando a conquista de Canaã. Israel, antes uma liga tribal que ocupava parte da Palestina, representava agora uma entidade geográfica e política.

3. Construção do império. Com a casa em ordem, Davi estava livre para atacar os vizinhos. Guerreando contra amonitas, arameus, moabitas, edomitas e sírios, Davi estendeu as fronteiras de seu império (2Sm 8), estabelecendo relações amigáveis com alguns vizinhos devido à sua fama.

4. O Estado de Davi. Com rapidez dramática, as conquistas de Davi transformaram Israel na maior potência da Palestina e Síria, tão poderoso quanto qualquer potência existente.

- O império de Davi era de um tamanho respeitável pelos padrões antigos. A natureza de tal Estado determinava uma mudança radical na antiga ordem. A liga tribal não correspondia mais a Israel. O centro deste novo Israel era Davi: a capital era sua cidade e os povos dominados se submetiam a ele e não à liga tribal.
- Sabemos pouco da administração de Davi, exceto os oficiais mencionados (2Sm 8; 20). Davi parece

ter interferido pouco em questões judiciais, importando-se mais com o culto e as questões religiosas. Sua corte, embora menor que a de Salomão, era numerosa.

5. Últimos anos. O fim das guerras encontrou Davi ainda jovem. Seu reinado ainda durou bastante, mas foi atormentado por intrigas incessantes sobre a sucessão do trono. Israel era tão centralizado em Davi que somente um herdeiro seu poderia governá-lo. Mas qual? As rivalidades eram terríveis, e os filhos ambiciosos se esforçavam em conseguir a atenção do povo. As tensões e problemas conduziram a uma crise. A 1ª crise veio com a revolta de Absalão, que não obteve sucesso. Logo a seguir, a rebelião de Seba (2Sm 20) mostra a natureza frágil da união entre as tribos de Israel e Judá. O problema da sucessão do trono ainda não estava resolvido. A corte estava dividida entre Adonias e Salomão (1Re 1). A palavra de Davi (e suas tropas) bastou para decidir a situação. O povo não escolheu seu novo rei, e Salomão nem mesmo podia se dizer líder carismático. O antigo padrão de seleção de liderança fora quebrado.

C. Unidade monárquica de Israel: Salomão (961-922)

1. Salomão. Salomão foi capaz de realizar plenamente as potencialidades econômicas criadas por Davi. Em outras áreas, entretanto, manifestou tal cegueira que apressou a desintegração do império.

- Teve poucos problemas em se estabelecer, pois subiu ao trono como co-regente de Davi. Porém depois que Davi morreu, Salomão eliminou todos que pudessem desafiá-lo (1Re 2:13-46).
- Não precisava mais expandir o reino, e sim manter relações amigáveis externamente. Isso ele fez através de inúmeras alianças, muitas das quais seladas por casamentos (11:1ss). A esposa mais notável foi a filha do Faraó (que mostra a fraqueza da 21ª dinastia egípcia, já que os faraós não davam suas filhas nem aos reis da Babilônia!). A aliança mais importante foi com Tiro (5:1-12), estabelecendo exportação de trigo e óleo de oliva, importação de madeira-de-lei e abrindo novos caminhos de comércio e indústria.
- Era experiente em conhecimento militar. Manteve a segurança e desencorajou a agressão, formando um exército que poucos desafiariam. Passou a usar a biga (1Re 10:26; 2Cr 9:25) e fortificou diversas cidades, transformando-as em bases militares (1Re 9:15-19).
- Cumpriu seu dever de manter unido o Estado, com pequenas exceções em Edom e Damasco.

2. Atividade comercial. O forte de Salomão era em indústria e comércio. Compreendendo sua posição estratégica entre as rotas do Oriente, empreendeu numerosas aventuras comerciais, enriquecendo-se e ao Estado. Com cooperação dos fenícios, construiu uma frota mercantil e estabeleceu viagens comerciais até Ofir, importando produtos exóticos do sul. Também via terrestre se estabeleceram acordos com as caravanas dos sabeus (1Re 10), alcançando assim o comércio da Arábia. É provável que a exportação principal de Israel fosse o cobre, devido às ricas minas no vale do Jordão e perto do Mar Morto. Salomão também entrou na representação de bigas egípcias e cavalos cilícios (1Re 10:28ss), adquirindo-os para seu exército e revendendo-os para outros países.

3. Idade de Ouro de Israel.

- O lucro dos acordos comerciais permitiu que Salomão e muitos outros enriquecessem. Os novos projetos geraram novos empregos. As cidades cresceram e a produtividade do solo aumentou com novas técnicas.
- A riqueza de Salomão foi empregada em numerosos projetos de construção e fortificação de cidades. O mais notável foi o complexo de estruturas erguidas em Jerusalém, que incluía o palácio real, a “Casa do Bosque do Líbano” (arsenal e tesouro), um salão de julgamentos, um palácio para a filha do Faraó e o templo. O templo foi construído por um arquiteto de Tiro (1Re 7:13ss) e servia como capela real e santuário nacional de Israel. Seu ritual de sacrifício e culto, embora tivessem características estrangeiras, permaneceram inteiramente de natureza israelita.
- À glória de Salomão se juntou extraordinário florescimento cultural. A escrita foi praticada largamente (correspondência diplomática, arquivos oficiais, literatura histórica (como 2Sm 9-1Re 2 e a obra do javista). A música e a salmodia se desenvolveram devido ao intercâmbio cultural com outros povos e os recursos investidos no templo. Salomão é descrito como homem extremamente sábio (algo difícil de se avaliar pois não temos suas sábias palavras). Apesar de Pv ser pós-exílico, não é preciso duvidar que a sabedoria tenha sido cultivada na corte de Salomão.

4. **Sobrecarga.** Até aqui se descreveu os bons aspectos do reinado. Porém, a Bíblia nos mostra outro lado, muito menos brilhante: o Estado crescia em poder e Israel gemia numa opressão sem precedentes.

- O Estado tinha um déficit crônico. As numerosas fontes de renda não davam conta de construções, exército, auxílio ao culto, manutenção da burocracia (ex: 1Re 9:23) e do luxo da corte.
- Salomão sobrecarregou seus súditos de impostos, dividindo Israel em 12 distritos, cada qual com um governador nomeado pelo rei (1Re 4:7ss). Cada distrito supria provisões à corte durante um mês do ano. Foi um passo radical e decisivo. O antigo sistema tribal foi virtualmente abolido no que se refere a suas funções políticas. Em vez de 12 tribos sustentando o santuário central, havia 12 distritos para manter a corte real.
- Encurralado entre o déficit financeiro e a necessidade de mão-de-obra para os projetos, Salomão recorreu ao trabalho forçado em Israel. A escravidão dos povos conquistados era aceita, mas o trabalho forçado interno (1Re 5:13ss) foi amargo, causando ressentimento (cf 12:18). Outra medida drástica foi a cessão de algumas cidades da fronteira ao rei de Tiro. A venda de seu próprio território evidencia a situação caótica financeira de Israel.
- Foi significativa a mudança em Israel. Pouco restou da antiga ordem de coisas. A liga tribal, com suas instituições sagradas e líderes carismáticos, deu lugar ao Estado dinástico. A independência tribal terminava; a base da obrigação social não era mais a aliança com Yahweh e sim o Estado. Uma forte super-estrutura comercial e industrial se inseriu na sociedade agrícola e pastoril. A migração para as cidades trouxe uma nova cultura e acentuou a diferença de classes (havia proprietários, trabalhadores, escravos e “aristocratas”, cf 1Re 12). A democracia tribal se enfraquecera e se anunciava o começo de um cisma na sociedade. A religião também se centralizou sob a coroa. Samuel renegou Saul, mas foi Salomão quem exilou Abiatar!

5. Problema teológico.

- A monarquia trouxe tantos aspectos positivos e negativos, que é difícil fazer uma simples avaliação. Alguns criam que era uma dádiva divina, outros a achavam intolerável. Muitos consideraram as realizações de Davi e Salomão, tornando-os uma nação próspera, como cumprimento da aliança com Abraão. De qualquer modo, o templo (e arca) em Jerusalém unificava Israel e fortalecia a convicção de que a Casa de Davi era a legítima herdeira da antiga forma de governo de Israel. Firmou-se o dogma de que Yahweh tinha escolhido Sião como sua morada e a casa de Davi como perpétua dinastia real.
- A teologia da realeza de Davi transparece nos salmos, onde o rei é o “filho de Yahweh” ou o seu “ungido”. As glórias de Davi e Salomão logo passaram, mas como o ideal de realeza e as promessas a Davi foram reafirmadas no culto através dos anos (desde quando eram realidades), firmou-se a esperança de um filho de Davi ideal, sob cujo reinado justo e triunfante as promessas se tornariam realidade. O culto foi a fonte de esperança messiânica que modelaria a fé de Israel através dos séculos futuros. Por outro lado, a integração do Estado com o culto levou à tentação de santificar o Estado em nome de Deus. A aliança com Davi e sua reafirmação constante suplantava a aliança do Sinai, gerando a falsa segurança de que o Estado seria perpétuo. Sugerir sua queda seria o mesmo que acusar Deus de violação da aliança. Israel tinha sido submetido à monarquia. Alguns a aceitavam como ordenação divina ou como estrutura pagã necessária. Outros, apesar de leais, não se esqueciam de que ela estava sob a tolerância de Deus e sujeita a repreensões. Outros ainda (principalmente no norte) rejeitavam a sucessão dinástica e a casa de Davi. A monarquia, portanto, nunca se livrou da tensão. A opressão de Salomão acabou aumentando irremediavelmente a diferença entre os grupos, afastando completamente as tribos do norte da casa de Davi.

Capítulo 6: os reinos de Israel e Judá

A. A monarquia dividida: primeiros anos (922-876)

1. **Cisma.** A política opressiva de Salomão alienou o norte de Israel de Jerusalém. Somente sua mão forte evitara uma séria rebelião (1Re 11:26ss). Após sua morte, o ressentimento explodiu.

- Roboão foi coroado em Judá sem incidentes. Mas para ser reconhecido pelas tribos do norte, exigiram redução das taxas e da escravidão. Roboão agiu com insolência, precipitou a divisão e ainda teve que se retirar às pressas (12:1-20). O cisma representava a rejeição da casa de Davi e o desejo de reativar a

tradição da anfictionia. Certos profetas discordavam da opressão estatal e da promoção de cultos estrangeiros em Israel. Eles não reconheciam o direito da dinastia davídica de governar Israel, e apoiaram Jeroboão como rei das tribos do norte.

- O cisma teve repercussões desastrosas. Enfraquecidos internamente, nem Israel nem Judá podiam manter os súditos sob controle. Sem o monopólio das rotas comerciais, a economia de Israel deve ter sido severamente prejudicada. Tornaram-se Estados de 2ª categoria.

2. Guerra regional. Nem Roboão nem Jeroboão tinham condições internas para combater um ao outro. As lutas foram esporádicas, tendo como motivo a fronteira nas terras de Benjamim. Após a invasão de Susac (22ª dinastia do Egito), os dois Estados ficaram muito atingidos. Felizmente, o Egito não pôde continuar suas conquistas e se retirou da Palestina. Abia e Asa (Judá) continuaram combatendo Jeroboão e Baasa (Israel), mas logo ambos perceberam que era mais prudente cessar as hostilidades.

3. Estados rivais. Havia diferenças significativas: Judá era menor e mais pobre, mas tinha uma população homogênea e um isolamento geográfico relativo, além de uma tradição dinástica estável; Israel era maior e mais rico, porém possuía uma grande população cananeia e estava mais exposto geograficamente à influência externa, além de precisar contrabalançar teorias de Estado diferentes.

- Jeroboão teve que criar um Estado onde não havia um. Não havia capital, nem máquina administrativa ou organização militar, nem um culto oficial! Tudo tinha que ser feito. Jeroboão instalou sua capital em Siquém, devido à sua localização central e antigas associações de culto. Manteve a estrutura criada por Salomão, cobrando tributos (mas não sabemos se eram pesados).
- A ação mais significativa de Jeroboão foi estabelecer um culto oficial do Estado, rivalizando com o de Jerusalém (ele não podia permitir que o povo fosse a Jerusalém adorar Yahweh e celebrar a aliança com Davi!). Ele ergueu dois santuários oficiais nos extremos do seu reino: Dã e Betel, ambos de origem antiga. Jeroboão introduziu bezerros de ouro (provavelmente como “pedestais” sobre os quais Yahweh ficava, e não como ídolos), porém sua associação com o culto da fertilidade cananeu dava margem à confusão entre Yahweh e Baal. Israel não conservou sua pureza religiosa, importando características pagãs ao culto de Yahweh. Por isso, Jeroboão foi rejeitado pelo círculo profético.
- Israel se caracterizou por extrema instabilidade interna, devido à presente tradição anfictionia, na qual a sucessão dinástica não era reconhecida. A coroa era conquistada pela violência (cf morte de Nadab, Ela, Zambri) e o papel dos profetas era importante.
- Em Judá não houve mudanças dinásticas. Havia, sim, oscilação entre tendências sincréticas (da aristocracia de Jerusalém) e conservadoras (massa rural). Durante o reinado de Roboão, Abia e a regência de Maaca, dominou o sincretismo, e os ritos pagãos tiveram livre curso. Quando Asa atingiu a maioria, apegou-se ao partido conservador, realizando uma reforma religiosa que durou até Josafá. No fim de seu reinado, Judá estava em paz e com certa prosperidade econômica.

B. Israel e Judá: de Omri a Jeú (876-842)

1. Recuperação.

- Israel obteve estabilidade graças a Omri, que fundou uma dinastia e iniciou uma política de restauração do Estado. Omri herdou um Israel reduzido e ameaçado. Entre seus vizinhos hostis, Damasco (governado por Benadad I) era o mais perigoso. A Assíria despontava como potência, sob o governo de Assur-nasir-pal II, conquistando pouco a pouco toda a região. Visto que se retiraram, a conquista não foi permanente.
- Omri tinha grande habilidade e, baseado na política de Davi e Salomão, estabeleceu relações amigáveis com Judá (casando Atalia com Jorão, 2Re 8:18) e com os fenícios (casando Acabe com Jezabel, 1Re 16:31), e subjugou os povos transjordanianos (exceto Amon).
- Após alguns conflitos, Israel e Damasco entraram em aliança com outros Estados para deter a invasão assíria (sob o comando de Salmanasar III), obtendo êxito.

2. Situação interna. A política vigorosa de Omri e seus filhos salvou Israel, tornando-o uma nação de certa força. Internamente, contudo, gerou muitas tensões.

- As evidências sugerem que, sob a casa de Omri, Israel gozou de considerável prosperidade material, com fortificação de cidades e armamentos, além da compra da nova capital, Samaria (1Re 16:24). Porém, percebe-se progressiva desintegração da sociedade israelita, com visível exploração dos pobres e

pequenos agricultores (ex: 1Re 21; 2Re 4:1).

- Jezabel tinha permissão para praticar sua religião nativa, e construiu um templo a Baal em Samaria. Jezabel tinha uma personalidade forte e quis impor Baal como deus oficial da corte. A ameaça de uma apostasia geral de Yahweh não era nova. Houve absorção em massa de cananeus sob Davi e Salomão e favorecer o culto a Baal seria bem aceito pela maioria deles. Os profetas de Baal e Asera tinham status oficial (1Re 18:19). Os javistas leais logo foram perseguidos, principalmente os profetas. Muitos profetas cederam à pressão e passaram a dizer só coisas agradáveis ao rei (22:1-18).
- Um dos profetas ainda leais a Yahweh, que simbolizou a oposição de todos os profetas contra Jezabel, foi Elias. Sempre pronto a combater o Estado pagão, Elias forjou planos para derrubá-lo (19:15-17). Jezabel fez bem em reconhecer Elias como seu mortal inimigo.

3. Destruição.

- Os sucessores de Acabe não realizaram bons reinados: Acázias logo ficou doente e morreu, Jorão tentou diminuir os problemas (2Re 3:1-3), mas a sombra da rainha-mãe caía sobre a terra. Enfrentou dificuldades externas (com Moabe e Síria). Em Judá, o sucessor de Josafá, Jorão, também não exerceu muito controle sobre os povos dominados. Edom se rebelou, significando a perda das rotas comerciais ao sul.
- A oposição à casa de Omri continuava a crescer sob o comando de Eliseu. Havia nesta época grupos de profetas, intensamente patriotas, representantes da tradição carismática da aliança tribal. Encorajavam o povo nas guerras santas, mas se reservavam o direito de criticar livremente o rei e o Estado, de acordo com a lei de Yahweh.
- Também havia descontentamento do exército quanto ao reinado de Jorão. A revolução eclodiu em 842 com muita violência (2Re 9 e 10): foi um banho de sangue sem precedentes, mas que extirpou o culto a Baal de Israel. Pelo menos oficialmente, Yahweh era o seu deus.

4. Negócios internos de Judá (873-837).

- Os acontecimentos acima tiveram paralelo em Judá. Josafá se aliou com a casa de Omri, trazendo prosperidade a Judá. Promoveu uma reforma judiciária (2Cr 19) e fiscal, eliminando possíveis tensões socioeconômicas. Foi um rei justo e capaz que, como seu pai Asa, foi um javista sincero.
- A ele (873-849) sucedeu Jorão (849-842), que se casou com Atalia, filha de Acabe. Mulher de grande força de vontade (como Jezabel), logo se impôs e introduziu o culto a Baal em Jerusalém. Quando Jorão morreu, reinou Acázias, seu filho, por menos de um ano. Após sua morte, Atalia (842-837) tomou o poder, exterminando os possíveis rivais. Joás foi o único que se salvou e, num golpe de estado do sumo sacerdote Joiada, foi coroado rei aos 7 anos de idade, depondo Atalia (2Re 11).

C. Israel e Judá: meados do 9º século a meados do 8º século

1. Meio século de fraqueza.

- Embora Jeú tenha livrado o país de Baal e fundado uma dinastia que durou quase um século, seu reinado (842-815) não foi feliz. A estrutura de alianças que tornara Israel uma nação forte foi destruída (a morte de Jezabel rompeu a aliança com os fenícios – fonte da prosperidade de Israel; a morte de Acázias rompeu a aliança com Judá – aliado militar) e o extermínio de toda a corte e de muitos oficiais desfalcou a nação da nata de seus líderes. Surgiu um descontentamento pelo excesso de matança (Os 1:4). Jeú não corrigiu os abusos sociais e econômicos (Am, Os) e permitiu a prática do paganismo nativo.
- Após uma incursão violenta em 841, a Assíria se enfraqueceu e saiu de cena até o final do século IX. Isto permitiu que Hazael, rei de Damasco, combatesse livremente Israel. Jeú e seu filho Joacaz (815-801) não puderam oferecer resistência e perderam muito território israelita (2Re 10:32ss).
- Durante este período, Judá também foi uma nação fraca, pagando pesado tributo a Hazael (2Re 12:17ss). Joás, sob tutela de Joiada, purificou o templo, mas após a morte de Joiada, não permaneceu tão fiel (2Cr 24). Joás (837-800) acabou sendo assassinado por súditos descontentes.

2. Ressurgimento.

- Quando Adad-nirari III subiu ao poder na Assíria, retomando as campanhas de Salmanazar III e esmagando Damasco e regiões próximas. Felizmente ele não pôde continuar seu triunfo devido a problemas internos. Com a queda de Damasco, Israel ressurgiu sob o comando de Joás (802-786), recuperando

parte do território perdido e até subjugando Judá (2Re 14). Amazias (800-783), filho de Joás de Judá, venceu os edomitas, mas levou Judá à ruína tentando medir forças em Israel (talvez por causa das cidades destruídas pelos mercenários israelitas, 2Cr 25:5-10,13).

- Amazias acabou assassinado e seu filho Azarias (783-742) tomou seu lugar. Azarias reformou as defesas de Jerusalém, reorganizou o exército e suas armas, reconstruiu Asiongaber (Elate) após consolidar o domínio sobre os edomitas, filisteus e árabes. Afastou-se do governo no fim de seu reinado por causa de sua lepra, deixando seu filho Jotão como co-regente.
- Em Israel, Jeroboão II (786-746) também adotou uma política agressiva, restabelecendo as fronteiras do país (2Re 14:25) até quase os limites da época de Salomão e subjugando os povos vizinhos. Israel e Judá estavam em paz entre si e controlavam novamente as rotas comerciais da Palestina, resultando numa prosperidade tal desconhecida desde Salomão. A classe alta voltou ao luxo (Amós não exagerou sobre a riqueza da elite). Era uma época de grande otimismo!

3. Enfermidade interna.

- Am e Os mostram outro lado desta prosperidade: flagrantes injustiças sociais, grande contraste entre ricos e pobres, juízes corruptos, falsificação de medidas, os pobres não tinham a quem recorrer. A monarquia criou uma classe privilegiada, enfraqueceu os laços tribais e, embora o javismo fosse a religião oficial, minimizou a importância da lei da aliança.
- Embora os templos estivessem cheios, é evidente que o javismo puro não era mais praticado. Parece que a religião oficial tinha absorvido ritos de origem pagã e dado ao culto a função pagã de aplacar a divindade com rituais e sacrifícios para se manter o status quo. Os sacerdotes e profetas tinham se corrompido em geral (Am 7:10ss; Mq 3:11). Entretanto, Israel estava otimista. Confiava plenamente nas promessas de Yahweh de prosperidade, achando que os cultos e rituais eram o cumprimento de sua parte na aliança. Uma profunda e íntima perversão de conceitos estava acontecendo: o javismo estava se tornando pagão.
- Contra isto se insurgiram Am e Os, quase na mesma época (fim do reinado de Jeroboão). Amós criticava as injustiças sociais, o luxo e a imoralidade do povo. Atacava o conceito de que o culto garantia proteção de Yahweh (5:21-24) e afirmava que o futuro de Israel era a ruína total no dia do juízo divino. Oséias acusava Israel de ter esquecido Yahweh e que este, portanto, abandonaria o povo, como o marido abandona a esposa que o trai. Alimentava a esperança de um perdão de Yahweh no futuro, após Israel ter sido castigado.
- Eles foram os primeiros representantes de um movimento que duraria três séculos. Os profetas clássicos transmitiam publicamente suas mensagens, sempre baseadas numa análise de Israel sob o ponto de vista da aliança com Yahweh. Tinham diferenças em relação aos antigos profetas, mas perpetuaram a tradição destes, criticando a adoração de deuses estrangeiros e a violação da aliança. Eram agentes políticos, que corrigiam o Estado à luz da vontade divina. Anunciavam o julgamento necessário que sobreviria a Israel, e no futuro, promessas de restauração da relação com Yahweh.

Capítulo 7: o período da conquista assíria

A. Avanço assírio: queda de Israel e subjugação de Judá

1. Queda.

- Após Jeroboão (746), Israel se torna um desastre. Com sua fraqueza interna, não podia se opor ao poder crescente da Assíria, e acabou sendo destruído. Sob o comando de Teglathfalasar III, a Assíria se impôs como nação e subjugou os povos à sua volta. Adotaram a política de deportar povos rebeldes, destruindo seu senso patriótico.
- Em Israel a anarquia se implantou. Sucederam-se vários reis num curto período: Zacarias (746-45), Salum, Menaém (745-38), Pecaías (738-37) e Peca (737-32). Menaém se mostrou submisso à Assíria (2Re 15:20), porém Peca parece ter conspirado junto com seus vizinhos contra o domínio assírio.
- Israel estava nas últimas: a política nacional era confusa, as leis e a ordem entraram em colapso (Os 4:1-3), o paganismo levava à embriaguez e à luxúria. Em suma, esquecendo-se da aliança que os unia e dos princípios morais do javismo, Israel entrara numa violenta crise política e teológica. A esperança agora se voltava para novos tempos e uma nova aliança, pois Israel estava condenado ao juízo divino.

2. Últimos dias.

- Peca e seus aliados, querendo que Judá se juntasse a eles, sitiaram Jerusalém. Nesta época, Jotão já morrera (742-735) e Acaz (735-715), seu filho, reinava. Sem saída, e não confiando na palavra de Isaías (Is 7:1ss), Acaz pediu a intervenção de Teglatfalasar (2Re 16:7ss). A Assíria caiu de peso em cima da coalizão e a destruiu completamente. O território de Israel foi reduzido bastante, e sua população foi deportada. Se Oséias não tivesse assassinado Peca e pago pesado tributo, Israel teria sido completamente devastado (2Re 15:29s).
- Oséias (732-24), entretanto, quis se rebelar contra a Assíria, agora governada por Salmanasar V. Foi o suicídio de Israel. O Egito (2Re 17:4) não pôde ajudar em nada e Oséias foi feito prisioneiro. O povo foi deportado e outros povos foram trazidos para habitar na região (2Re 17:24). Assim surgiram os samaritanos.

3. Judá.

- Graças à recusa de Acaz de entrar na coalizão, Judá sobreviveu, mas passou a ser simples vassalo da Assíria. Submetendo-se, Acaz teve que reconhecer os deuses assírios (o que explica as inovações no templo, 16:10-18). Aparentemente, não fez esforço algum para combater o paganismo (16:3s).
- A situação econômica de Judá também piorou após a perda de Asiongaber e o pesado tributo pago. Estava se iniciando em pequena escala uma decadência social e moral como a de Israel (Is 1:10ss; Mq 2; 3).

B. A luta pela independência: Ezequias

1. A política.

- Acaz permaneceu submisso à Assíria. Mas seu filho Ezequias (715-687) tentou se livrar dela (liderada por Sargão II, 721-705). O forte patriotismo do povo aliado à intolerância do paganismo crescente (que gerava abusos sociais) fez com que muitos desejassem uma reforma geral – era preciso se livrar do pesado tributo e do culto aos deuses assírios. O povo se sentia culpado por violar a aliança, desejava um rei melhor, que implantasse a justiça e a paz (Is 9:2-7; 11:1-9; Mq 5:2-6).
- Estas esperanças eram alimentadas pela situação do império assírio. Ocupado com outras conquistas e revoltas, Sargão parecia não olhar mais para a Palestina. Neste meio tempo, o Egito voltava a dar sinais de força, sob a 25ª dinastia (±710) que era etíope.
- Por volta de 714, Asdod se rebelou (Is 20). Outros povos começaram a se rebelar, contando com a ajuda egípcia. Judá vacilou muito, mas provavelmente acatou a mensagem de Isaías, visto que não foi trucidado quando Sargão veio acabar com a rebelião (±712).
- Ezequias partiu então para uma reforma nacional, afastando as práticas estrangeiras dos cultos, os ídolos (2Re 18:3-6; 2Cr 29-31) e eliminando as injustiças sociais e abusos econômicos. Judá voltou a ter uma prosperidade relativa, porém ainda submisso à Assíria.

2. Senaqueribe.

- Enquanto Sargão reinou, não houve rompimento com a Assíria. Quando foi sucedido por Senaqueribe (704-681), Ezequias tomou providências para defender sua independência. A revolta era grande na Babilônia e na Palestina (certamente parte de um plano conjunto, cf 2Re 20:12-19) com apoio do Egito.
- Em 701, após ter pacificado a Babilônia, Senaqueribe se voltou para o oeste, arrasando com a coalizão formada (2Re 18:13-16) e Ezequias foi obrigado a se render, pagando pesado tributo e perdendo grande parte do seu território (cf narrativas de Senaqueribe). Cerca de 690, a Babilônia lidera nova revolta contra a Assíria. Desta vez Senaqueribe arrasa com suas cidades e os deporta.
- O fortalecimento do Egito sob Taraka (2Re 19:9) e a revolta babilônica parecem ter incitado Ezequias a uma nova revolta (agora apoiado por Isaías). Senaqueribe voltou em ±688, vencendo o Egito e exigindo capitulação total de Jerusalém (2Re 18:17-19:37). Não conseguiu cumprir seu objetivo porque seu exército foi dizimado por uma peste (19:35) e porque foi necessária sua presença na Assíria (19:7). A libertação milagrosa de Jerusalém serviu para fortalecer a fé na inviolabilidade de Sião (nos últimos anos este era um dogma fixo). Entretanto, Judá não estava livre e, se Senaqueribe não voltou para se vingar, foi porque Ezequias morreu no ano seguinte (687) e seu filho Manassés desistiu da rebelião, submetendo-se à Assíria. O golpe pela independência custou muito caro e acabou fracassando.

C. Os profetas do fim do oitavo século em Judá

1. A mensagem profética e seus efeitos.

- A crise socioeconômica de Judá era grande, agravada pelas extorsões assírias e as tendências sincréticas da elite. A aliança do Sinai tinha sido esquecida – Yahweh era considerado o protetor nacional, cuja função era proteger e abençoar a nação em troca de observância meticulosa do culto (Is 1:10ss). O culto afirmava a eternidade da dinastia de Davi (do Estado) e a inviolabilidade de Sião, o santuário nacional (Mq 3:11). A opressão assíria questionou a ideologia nacional: podia-se mesmo confiar nas promessas de Yahweh? Alguns entendiam que Yahweh os protegeria sem importar o que eles fizessem (levando a nação à rebelião). Outros não acreditavam nisto e pregavam a submissão à Assíria.
- A miséria trazida pela Assíria e o fracasso das rebeliões ameaçaram seriamente a confiança em Yahweh, que só foi preservada devido à ação dos profetas, principalmente de Isaías. Ele e Miquéias acreditavam firmemente nas promessas feitas a Davi, embora discordassem da interpretação delas pelo povo. Sua teologia incluía o aspecto condicional da aliança do Sinai.
- Is encarava a humilhação da nação como o castigo divino do seu pecado, não implicando na revogação de suas promessas. Era uma disciplina purificadora, tendo como instrumento a Assíria (1:24-26; 5:26-29; 10:5-19). Deste processo sobreviveria um resto da nação. O plano divino incluía o cumprimento pleno de Suas promessas de um reino de paz e justiça, mas não antes do terrível dia de Yahweh! O que Is repudiava era a confiança na habilidade humana (como a força do Egito) – rejeitando possíveis alianças contra a Assíria em 714-12 e 705-01 – e a falta de confiança em Yahweh – como Acáz em 735. Quando Ezequias resolveu confiar só em Yahweh, Is o apoiou (690)! A confiança em Yahweh devia se refletir na vida nacional. Por isso, tanto Is quanto Mq criticaram duramente os abusos sociais da sua época, dando ensejo a uma reforma no tempo de Ezequias e, mesmo depois, com Josias.

Apêndice I: o problema das campanhas de Senaqueribe na Palestina

Capítulo 8: o reino de Judá

Entre a morte de Ezequias e a conquista final de Jerusalém pelos babilônios transcorreu exatamente um século (687-587). Foi um século de muitas mudanças, cf vemos em 2Re, 2Cr, Jr, Ez, Sf, Na e Hc.

A. O fim do domínio assírio

1. Judá.

- Na metade do século VII, a Assíria atingiu seu apogeu, liderada por Assaradon (680-69) e Assurbanipal (668-27). O Egito foi definitivamente conquistado e seus príncipes executados, com exceção de Neco e seu filho Psamético.
- Manassés não teve muita escolha e se submeteu passivamente à Assíria, importando novamente seus deuses e permitindo que o sincretismo se fortalecesse em Judá. O javismo corria o risco de se tornar politeísmo aberto, com Yahweh como chefe de um panteão. A injustiça e a violência social ressurgiram com força (Sf 1:9; 3:1-7).

2. Últimos dias.

- O império assírio era grande e unido pela força bruta. Tinha muitos inimigos dentro e fora de seu território. Babilônia e Egito se rebelaram novamente, medos e sumérios ameaçavam suas fronteiras. Assurbanipal conseguiu controlar novamente a situação, deportando os rebeldes (Ed 4:2,9s), mas o Egito se tornou independente sob Psamético I (664-10), filho de Neco, da 26ª dinastia.
- Foi nesta época que Manassés foi levado para a Assíria (2Cr 33:11), provavelmente suspeito de participar da rebelião. Entretanto, foi perdoado (ou declarado inocente) e voltou para Jerusalém. Assurbanipal morreu e com ele o império. Seu filho Sin-shar-ishkun não sobreviveu aos ataques de Ciaxares (625-585), rei dos medos, e Nabopolassar (626-05), fundador do império neobabilônico. A luta persistiu até ±610, quando os babilônios e seus aliados venceram o último reduto assírio, após a destruição de Assur e Nínive.

3. Josias.

- Manassés (686-42) e seu filho Amom (642-40) permaneceram como vassalos fiéis à Assíria. Josias (640-09) começou a reinar criança. Sem mais a opressão assíria, aos poucos foi reformando comple-

tamente Judá e as regiões do antigo Israel (2Cr 34-35) no seu 18º ano de reinado (622).

- A reforma foi um expurgo radical de cultos e práticas estrangeiras, sendo um retorno à tradição do Dt (o livro da lei encontrado). Obviamente, o nacionalismo da época de Ezequias também estava presente aqui, extirpando tudo que se opusesse às tradições de Judá. Os profetas colaboraram muito para o crescimento do sentimento nacional de reforma, criticando os abusos da época. Sofonias continuava a linha de Isaías, anunciando o dia de Yahweh (1:4-18), que produziria um remanescente (3:11-13); Jeremias seguia Oséias, retornando até a aliança mosaica: Judá é a esposa adúltera (3:1-5,19-25), que poderia ser perdoada (3:12-14; 31:2-6,15-22).
- Entretanto, centralizando o culto em Jerusalém somente e preenchendo os aspectos externos da tradição deuteronômica, a reforma criou a convicção de que Yahweh estava satisfeito e por isto protegeria Sião. Jeremias se queixa de que os pecados da sociedade continuavam (5:20-31; 6:16-21) e de que sua voz não era ouvida (o povo estava satisfeito porque já possuía a lei de Yahweh). A aliança de Moisés novamente se submete à aliança de Davi.

B. O império neobabilônico: últimos dias de Judá

1. 1ª deportação (609-597).

- A independência de Judá durou pouco. Destruída a Assíria (o que Naum comemorou muito), o poder sobre a Palestina e a Síria era disputado pelo Egito e Babilônia. Tentando evitar o domínio egípcio, Josias tenta impedir o avanço de Neco II (610-594) e morre.
- Joacaz é colocado em seu lugar, mas quando Neco resolveu fortalecer sua posição na Palestina, subjugou Judá, deportando Joacaz para o Egito e deixando Eliaquim como seu rei. Judá teve que pagar pesado tributo ao Egito, permanecendo sob seu domínio até 605, quando Nabucodonosor venceu o Egito e invadiu a Palestina.
- Eliaquim se submeteu inicialmente à Babilônia, mas depois se rebelou. Foi um erro fatal, pois a cidade foi sitiada, o território devastado e os líderes e nobres da nação deportados. Eliaquim morreu (597), deixando Joaquim no trono. Após 3 meses, Joaquim foi deportado com sua corte e Zedequias assumiu seu lugar.

2. Fim.

- Esperava-se que a deportação de 597 tivesse deixado Judá dócil. Entretanto, o reinado de Zedequias (597-87) foi só agitação. Sendo um rei fraco e sem autoridade, não resistiu aos planos de revolta da população que sobrara, apoiados por alguns falsos profetas que diziam que Joaquim e os exilados voltariam em breve.
- Jeremias os denunciou (cap. 27ss) e aconselhou submissão à Assíria e à Babilônia (caps 21;37;38). A reação da Babilônia foi rápida e, após um longo cerco da cidade, Jerusalém caiu em julho de 587. Zedequias e seus oficiais foram executados (2Re 25; Jr 52) e grande parte do povo foi deportado.
- Jerusalém foi destruída e Gedalias foi nomeado governador da agora província babilônica de Judá (Jr 40-44; 2Re 25). Dentre os poucos que restaram na terra, alguns mais exigentes não aprovaram a gestão de Gedalias e o assassinaram. O povo, com medo de represálias, fugiu para o Egito, levando consigo Jeremias.

C. Os profetas dos últimos dias

1. Emergência teológica.

- A nação estava totalmente despreparada para enfrentar a humilhação iminente. Afirmando que Sião era a sede de Yahweh e que Ele prometera a Davi governo eterno e vitória permanente sobre seus inimigos, sua teologia passou por violenta crise diante das invasões assírias e babilônicas. Isaías a reinterpretou, salientando a possibilidade de um castigo divino. Mas sua afirmação de que Jerusalém não seria tomada (confirmada pelos acontecimentos) contribuiu para estabelecer o dogma da inviolabilidade do templo e da cidade. Confiavam que o Deus que frustrara Senaqueribe também frustraria Nabucodonosor (Jr 5:12; 14:13). O desastre de 597, doloroso e humilhante (o templo foi saqueado e o descendente de Davi preso), foi encarado como a disciplina anunciada por Isaías. A nação não podia cair mais; até o fim se esperava a intervenção de Yahweh (21:2).
- Por outro lado, o povo questionava o poder e a justiça de Yahweh (Ez 18:2,25; Jr 31:29), recorrendo a

outros deuses como garantia (Jr 7:17-19; 44:15-18; Ez 8). Os profetas se preocuparam bastante com o assunto: foi o tema principal de Hc (soberania mostrando a disciplina de Yahweh) e do deuteronomista (Dt a 2Re, julgando a história de Israel pelo cumprimento da aliança com Yahweh).

2. Os profetas.

- A religião de Israel sobreviveu em boa parte porque os profetas responderam aos problemas teológicos que surgiram, especialmente Jeremias e Ezequiel. Jr foi um personagem trágico. Sua voz era a voz do javismo mosaico, anunciando que Judá tinha sido julgada pela violação da aliança e que seria condenada. Opôs-se radicalmente à confiança do povo nas promessas a Davi. Anunciou a destruição de Jerusalém (26:1-6) e foi perseguido porque negava a teologia oficial (26:7-11).
- Ez foi um profeta no meio dos exilados, repetindo a mensagem de condenação de Jr. Transmitiu muito de sua mensagem através de atos simbólicos. Também rejeitou a esperança nacional, descrevendo sua visão de Yahweh abandonando Sião (cap 9-11).
- Anunciando a tragédia iminente como juízo divino, conclamando o povo à conversão e abandono das falsas esperanças da teologia nacional, Jr e Ez prepararam o povo para a formação de uma nova comunidade, baseada na decisão individual, não mais a comunidade do culto nacional com seus rituais e instituições oficiais. Fortaleceram a esperança nacional, anunciando que o exílio seria passageiro e um novo ato redentor de Deus reviveria a comunidade de Israel, dando-lhe um novo coração e um novo espírito (Jr 31:31-34; Ez 37; 34).

Capítulo 9: exílio e restauração

A. O período do exílio (587-539)

1. Os judeus após 587.

- O exílio foi devastador. Na Palestina restaram cidades destruídas e pouca gente, espalhada pelas cidades restantes. Sem liderança, o povo restante não se organizava e muito provavelmente não praticava mais um javismo puro. Embora numericamente fossem a maioria, o verdadeiro centro de gravidade de Israel temporariamente tinha se deslocado da Palestina.
- Na Babilônia estava a nata política, eclesiástica e intelectual dos judeus, que iria formar o futuro de Israel. Embora não fossem livres, permaneceram em colônias, mantendo suas reuniões e vida comunitária. Não sofreram tratamento severo, ao ponto de muitos chegarem a enriquecer no comércio local. Outros judeus se espalharam pelos arredores da Palestina, principalmente no Egito (Jr 42ss), formando colônias. Não era ainda uma diáspora em toda a terra, mas se iniciava uma tendência irreversível.

2. Religião.

- A teologia oficial caiu junto com Jerusalém. A veracidade de Yahweh estava sendo posta em dúvida. Israel precisava explicar sua tragédia diante das demais nações e seus deuses, ou reconhecer que seu deus era fraco. Uma explicação já tinha sido dada por Jr e Ez: o exílio era um castigo que preparava Israel para um novo futuro. A lei da aliança tinha sido violada.
- Surgia agora uma comunidade nova, marcada pela ênfase à tradição e à lei. A observância do sábado, da circuncisão e da pureza ritual passaram a ser a confissão de fé dos judeus: o que os distinguia das outras nações. Os documentos e tradições do passado foram preservados (reeditou-se a obra deuteronomista, compilaram-se os livros proféticos, compôs-se a narrativa sacerdotal do Pentateuco), mantendo viva a esperança de um futuro melhor.
- Havia uma forte convicção de que o exílio era temporário. Eles aguardavam ansiosos o dia da restauração de Israel.

3. Babilônia.

- A extrema instabilidade do império babilônico acendia as esperanças. Após a morte de Nabucodonosor (604-562), sucederam-se 3 reis em pouco tempo: Evilmerodac (562-60), Neriglissar (560-56) e Nabonidus (556-39). A Babilônia começava a atravessar uma crise interna devido à política religiosa de seu rei.
- Foi nesta ocasião que surgiu forte ameaça externa: Ciro, o rei persa, liderou uma rebelião no Estado medo, governado agora por Astíages (585-50), filho de Ciaxes. Dominando a capital dos medos, Ci-

ro iniciou uma série de campanhas violentas, criando rapidamente um gigantesco império, muito maior que outros antes deste. Todos, inclusive os babilônios, viam claro que a Babilônia estava indefesa. Ciro podia tomá-la quando quisesse, e o fez!

4. Religião.

- Estes acontecimentos geraram excitação entre os judeus e exigiram uma reinterpretação profunda da sua religião. Que papel Yahweh tinha neste desenrolar de acontecimentos?
- Foi nesta época que se levantou em Israel outro grande profeta, o “Segundo Isaías” (40-55). Sua mensagem era de conforto para o povo humilhado. Sua profecia é dominada pelo pensamento de que Yahweh, o Deus Todo-Poderoso, Criador do universo, viria salvar seu povo e restaurá-lo após sua purificação no exílio, usando Ciro como seu instrumento inconsciente. A restauração, contudo, não seria mera volta ao Estado de Davi; seria um novo começo, a repetição do êxodo (43:16-21). Com grande poder, Yahweh reafirmaria sua aliança com Israel, num novo relacionamento “carismático” em que o rei davídico teria papel pequeno – Yahweh seria o rei de Israel. Mais que isso, Yahweh teria domínio universal e as nações gentias o reconheceriam como Senhor (49:6).
- O papel de Israel na história da humanidade foi revelado: por sua existência Israel era testemunho da ação de Deus na história. Israel, como servo de Yahweh, tem a responsabilidade de levar a lei de Yahweh às nações, ainda que em meio ao sofrimento. Esta adaptação da religião de Israel à história do mundo, e a profunda interpretação do sentido do sofrimento presente deram esperança ao povo e o fizeram sobreviver. O ideal pós-exílico do homem religioso era a mansidão e a humildade do Servo de Yahweh.

B. Restauração da comunidade judaica

1. O novo dia.

- A Babilônia caiu sem muito esforço em 539. Ciro adotou uma política diferente com os povos subjugados: incentivou seus cultos e sua autonomia cultural, embora os mantivesse sob controle através de uma complexa burocracia e seu exército. Ed (1:2-4; 6:3-5) traz o relato do decreto de Ciro, permitindo que os judeus retornassem à Palestina e reconstruíssem o templo.
- A 1ª volta, sob o comando de Sesbazar (=Senazar, 1Cr 3:18), filho de Jeconias, não contou com um grande número, pois muitos já haviam se estabelecido como comerciantes na Babilônia e não tinham tanto interesse na Palestina. O cronista não fala mais sobre esta 1ª leva, mas é quase certo que a restauração do templo e um certo culto regular foram iniciados. Foi um começo modesto.

2. Primeiros anos (538-522).

- A comunidade judaica passou por anos muito frustrantes. O império persa, sob Ciro e depois Cambises (530-522), continuava a crescer. Onde estava o Israel restaurado, ao qual afluiriam as nações? Os recém-chegados eram poucos e logo tiveram atritos com os moradores da região, considerados “impuros”. A tensão existente levou à paralisação das obras. O moral estava baixo.
- Ag, Zc e os discípulos do 2º Isaías (Is 56-66) tentavam dar esperanças ao povo, agora governado por Zorobabel, sobrinho de Sebasar (1Cr 3:17ss). A comunidade, porém, estava dividida em dois segmentos: os javistas fiéis (a maioria dos recém-chegados) e os que se tornaram sincréticos (a maioria dos nativos). Era preciso uma separação antes que a nova comunidade perdesse sua integridade e de um ponto em torno do qual pudesse se unir.

3. O templo.

- A partir de 522, com a ascensão de Dario I (522-486), o império persa foi sacudido por uma série de revoltas, só dominadas em 520. Durante estes dois anos, alguns profetas se convenceram de que o tempo havia chegado: Yahweh ia estabelecer seu domínio por toda a terra!
- Ageu profetizou em 520 e incentivou o povo a reconstruir o templo de Yahweh (parado há 18 anos), explicando as dificuldades encontradas como castigo divino pela indiferença do povo (1:1-11; 2:15-19). Insistiu para que o povo se separasse dos sincréticos (2:10-14). Zacarias deixava claro que Yahweh estava agindo: era preciso terminar logo o templo para que Ele viesse habitar em Sião. Jerusalém seria novamente uma grande cidade e Zorobabel seria estabelecido como o rei prometido.
- Ambos afirmavam o cumprimento das promessas davídicas. Suas palavras eram altivas e perigosas. Os inimigos da nova comunidade as usaram para tentar impedi-los (Ed 5:1-6:12), acusando-os de re-

belião. O templo foi reconstruído em 4 anos, porém as promessas de restauração imediata não se concretizaram. A comunidade possuía agora uma identidade, mas deve ter sentido uma profunda desilusão: seria difícil ter esperanças na Casa de Davi outra vez.

Capítulo 10: a comunidade judaica no século quinto

A. Da conclusão do templo à metade do século V

1. O império persa até 450. Após sufocar revoltas, Dario levou o império ao auge em expansão e organização. Dividiu-o em 20 satrapias, equilibrando a autoridade central com certa autonomia local. Seu filho Xerxes (486-465), não tão capaz quanto o pai, tentou dominar a Grécia sem sucesso. Artaxerxes I (465-424) acabou apenas firmando um pacto de não-agressão com os gregos.

2. A sorte dos judeus (515-450).

- Por esta época os judeus estavam bem estabelecidos em várias partes do império. Tinham colônias prósperas na Babilônia, Elefantina (Egito) e Sardes (Ásia Menor), porém sua religião era muito sincrética.
- Em Judá a população chegava a quase 50 mil pessoas, mas a terra ainda não estava densamente povoada. Após Zorobabel, o distrito deve ter sido administrado de Samaria. A posição da comunidade era muito insegura, além de atritos com os nobres de Samaria, havia problemas com os edomitas que estavam invadindo o sul de Judá (Ob 1-21). No reinado de Artaxerxes I houve uma tentativa de fortificar Jerusalém, mas foi impedida pelos nobres de Samaria (± 445).
- A religião era praticada com desleixo: sacrifícios de animais doentes (Ml 1:6-14), parcialidade nos julgamentos (Ml 2:1-9), falta de dízimos (Ml 3:7-10), desprezo do sábado (Ne 13:15-22).

B. Reorganização sob Neemias e Esdras

1. Neemias.

- Com a chegada de Esdras e Neemias, a comunidade se salvou da desintegração. Ne esteve em Judá de 445 a 433 (cf evidências externas), mas Esdras chegou em 458, 398 ou 428? [Bright segue esta última data].
- A reconstituição da comunidade judaica se deu na 2ª metade do reinado de Artaxerxes I, coincidindo com a Idade de Ouro de Atenas. Surgiram distúrbios no Egito, Síria e Grécia, mas Artaxerxes resolveu a situação. Os gregos se destruíram em guerras internas (do Peloponeso, 431-404). Devido à posição estratégica da Palestina, Artaxerxes queria minimizar a revolta dos seus habitantes. Neemias, homem enérgico na corte do rei, ao receber relatório da situação de Jerusalém por delegação chefiada por seu irmão, dispôs-se a falar com o rei diretamente (visto que os canais burocráticos via Samaria estavam fechados, Ed 4).
- Obtendo permissão e recursos do rei, Ne partiu para Jerusalém como governador da nova província de Judá, chegando em ± 440 . Conseguiu reconstruir as muralhas de Jerusalém, enfrentando o desânimo do povo e inimigos influentes (Sambalat, gov. Samaria; Tobias, gov. Amon; Gasen, comandante árabe). Seus inimigos usaram zombaria, ataques, conspiração para assassinato, acusações de sedição e falsas profecias (Ne 4;6) para tentar estragar seus planos. Ne os venceu, repovoou a cidade (7:4; 11:1ss), inaugurou as muralhas e realizou uma reforma econômica (Ne 5).
- Voltou para a corte persa 12 anos depois (13:6), mas logo retornou a Jerusalém, efetuando algumas reformas (restabelecimento do dízimo e do sábado, proibição de novos casamentos mistos). Nesta época Esdras chegou.

2. Esdras.

- Ne salvara a comunidade lhe dando uma situação política reconhecida, segurança e uma administração honesta. Faltava mudar a vida interior da comunidade, senão suas medidas seriam provisórias. Para isso veio Esdras. Sua missão consistia em regularizar a prática religiosa, estabelecendo as diretrizes do culto oficial. Chegou em ± 428 , acompanhado de um grande grupo (Ed 7).
- Iniciando sua missão, Ed instruiu o povo na lei, conclamando todos a uma reforma religiosa, que acabou resultando na dissolução de casamentos mistos (Ed 10) e no comprometimento de todo o povo a seguir a lei (Ne 9-10).

- Esdras teve uma importância capital. Foi ele quem reconstituiu Israel lhe dando uma forma de sobrevivência para o futuro. Israel não podia mais ser uma nação nem voltar à liga de clãs; se não achasse uma nova forma externa, se desintegraria. Com a sanção persa, a lei passou a ser constituição de Israel. Efetuou-se a transição da nação para comunidade sujeita à lei. Desta forma, Israel podia sobreviver mesmo sem Estado e estando espalhado pelo mundo. Seu caráter distintivo não seria nacionalidade política, contexto étnico ou participação no culto do templo, mas observância da lei de Moisés. Traçou-se a linha divisória de sua história; seu futuro estava assegurado.

Apêndice II: a data da missão de Esdras em Jerusalém

Capítulo 11: o fim do período do AT

A. Os judeus nos séculos IV e III

1. Fim do domínio persa.

- Depois do séc V, temos pouca informação. Depois de Ne (445-425), Hananias (até ±410) e Bagoas (após 410) foram os governadores da Judéia. Em Elefantina (Egito), a colônia judaica procurou regularizar suas práticas religiosas seguindo Jerusalém (apesar de serem sincréticos). Reconstruíram seu templo destruído, com permissão de Dario II (423-404), que continuava a política de Artaxerxes I.
- Sob Artaxerxes II (404-358) e III (358-336), o Egito passou por um período de independência (401-343) e surgiram algumas outras revoltas, logo abafadas. O império começava a tremer. Sob Arses (338-336) e Dario III (336-331), o império viveu seus últimos anos. Filipe II da Macedônia (336-336) consolidava seu poder sobre os gregos. Alexandre (336-323) o sucedeu, iniciando um novo império.
- Não sabemos muito sobre os judeus no séc III. A colônia egípcia parece ter sido dissolvida. Grupos de israelitas na Galileia e Transjordânia eram javistas, pelo menos nominalmente. Mas a relação entre judeus e samaritanos piorou até o rompimento completo (±fim séc II). Estes, com permissão de Dario III, construíram seu templo em Garizim. Judá estava “esquecido” na história, mas a história influenciava Judá. O aramaico passou a ser a língua oficial, e o hebraico só era usado em cerimônias religiosas. O impacto da cultura grega também se fazia sentir aos poucos.

2. Começo do período helenístico.

- Em 331, Alexandre já havia conquistado todo o império persa. A Palestina parece ter se rendido pacificamente, embora uma revolta posterior em Samaria a levou à destruição. Os samaritanos sobreviventes reconstruíram Siquém e se mudaram para lá. Com a morte de Alexandre em 323 (sem descendentes), seu império foi dividido entre seus generais.
- Ptolomeu I assumiu o Egito e estabeleceu capital em Alexandria. Seleuco I dominou da Babilônia até a Síria e Irã, com capitais em Antioquia e Selêucia (sobre o Tigre). Palestina e Fenícia foram disputa entre ptolomeus e selêucidas, mas ficaram com os ptolomeus por quase um século. A estrutura administrativa não deve ter sido muito alterada desde a época persa. O sumo sacerdote, além de chefe espiritual da comunidade, era também um príncipe secular. Logo se formaria uma aristocracia sacerdotal. No Egito, os judeus se concentraram em Alexandria, e como o grego era sua língua nativa, foi feita uma tradução do AT e outros livros, formando a LXX. Estas escrituras em grego abriram caminho para a comunicação com os gentios.
- Em 198, os selêucidas, sob o comando de Antíoco III (223-187), tomaram o controle da Palestina ao destruírem o exército egípcio liderado por Ptolomeu V (203-181). Os judeus apoiaram Antíoco e este retribuiu a cooperação, reduzindo impostos e concedendo-lhes certa liberdade administrativa.
- A influência do helenismo levou a comunidade judaica a uma crise: de um lado os judeus tradicionais que não a aceitavam, de outro os totalmente envolvidos na cultura grega e que desprezavam as tradições antigas.

B. Os judeus sob os selêucidas: revolução e crise

1. Perseguições.

- Antíoco III foi longe em suas ambições e entrou em choque com Roma ao invadir a Grécia. Roma venceu e impôs pesadas condições aos selêucidas em 190. Antíoco III, Seleuco IV (187-75) e Antíoco IV (175-63) reinaram em meio a grandes dificuldades, principalmente financeiras. Isto os levava a co-

biçarem rendimentos; e 2Mc 3 narra uma tentativa de saque do templo de Jerusalém.

- A cidade passava por uma crise interna. Facções buscavam poder bajulando Antíoco IV. Aproveitando a ausência de Onias, o sumo sacerdote, Jasão (seu irmão, que adotou nome grego) subornou o rei, prometendo cooperação na helenização da Palestina, e obteve o cargo de sumo sacerdote. Fundou um ginásio em Jerusalém (2Mc 4) e incentivou a prática dos esportes gregos. Os judeus helenizados aceitavam os deuses protetores dos jogos (Heracles, Hermes) e rejeitavam suas tradições nativas (circuncisão, sacerdócio).
- Depois de 3 anos, Jasão foi deposto por Menelau, que pagou mais que ele pelo cargo. Menelau vendeu os objetos do templo e mandou matar Onias, que havia protestado. Em 169, com o boato de que Antíoco morrera, Jasão ataca Jerusalém para derrubar Menelau, matando muitos. Foi expulso da cidade, mas Antíoco entendeu como revolta e saqueou o templo (2Mc 5). Seus soldados massacraram Jerusalém e construíram uma cidadela fortificada perto do templo (2Mc 5:23-26). Antíoco proibiu a prática do judaísmo sob pena de morte (2Mc 6), colocando uma imagem do Zeus Olímpico no templo (a “abominação da desolação” de Dn). Os que não se convertiam ao helenismo eram massacrados.

2. Os macabeus.

- A perseguição foi terrível, muitos judeus morreram. O grupo dos Hasidim (os “piedosos”, dos quais descendem fariseus e saduceus) formava o núcleo de resistência à política de Antíoco.
- O livro de Dn foi composto nesta época (± 166) por um hasidim que procurava incitar seus compatriotas judeus a resistirem à política real, aderindo firmemente às suas leis, certos de que Deus interviria para salvá-los. As histórias de Daniel e seus amigos eram exemplos a serem seguidos. Deus era soberano sobre o que acontecia: o poder ímpio logo seria vencido.
- Liderados por Matatias e seus filhos (1Mc 2), os judeus se rebelaram, fugindo para as montanhas. Lutando contra as forças de Antíoco, os rebeldes (liderados por Judas Macabeu, 1Mc 3-4) conseguiram autonomia política e independência religiosa. Em dezembro de 164, o templo foi reconsagrado (3 anos após sua profanação). A festa da Dedicção relembra este fato.

Capítulo 12: o judaísmo após o AT

A. Natureza e desenvolvimento do judaísmo primitivo

1. Período pós-exílico. A comunidade judaica se voltou para a Lei. O culto e as cerimônias já não tinham tanto valor em si, mas passaram a ter como observância da Lei. Esta, antes definindo as ações a partir da aliança, agora era a própria base da comunidade – sua importância não pode ser exagerada.

2. A religião da lei.

- A lei era o fator central, em torno do qual tudo mais era organizada. Antigas instituições foram reinterpretadas, outras desapareceram, novas surgiram. A comunidade se baseava na Lei escrita; o Pentateuco já estava canonizado (antes do cisma com os samaritanos, no período persa); os profetas (Js-Re e profetas) foram definidos antes do 2º século (visto que Dn não foi colocado entre os profetas); os Escritos até o fim do período do AT.
- A forma escrita da lei a tornou absoluta: a vontade de Deus só podia ser determinada agora através dela. Isto explica porque a profecia terminou gradualmente – a lei usurpou sua função. O culto não era fundamental – passou a ser consequência da observância da lei. O templo não era mais o santuário dinástico da casa de Davi. O Dia da Expição (Lv 16) assumiu importância especial (o sentimento de que o exílio foi pela transgressão da Lei aumentava o temor de infringi-la). O culto e o clero (sacerdotes e levitas) eram mantidos pelos dízimos e presentes, além da taxa anual para o templo.
- Aos poucos os sacerdotes foram eclipsados pelos doutores da lei. A importância da lei fortaleceu a sinagoga, que se multiplicou nas cidades, permitindo a leitura e exposição da Lei. Para interpretá-la corretamente, surgiu uma classe de escribas.
- Neste período, também se intensificou a tradição de sabedoria, com a correlata preocupação de levar uma vida honesta. A religião judaica era profundamente ética – a Lei devia ser aplicada em todas as áreas da vida. A ênfase era na vida piedosa e na observância da lei, mas não era algo formal ou externo. Os judeus realmente vivenciavam a Lei – era a sua religião.
- A lei se tornou o centro da fé em Israel, ultrapassando suas origens históricas – tornou-se “eterna” e

acima da aliança histórica com Yahweh. Guardar a aliança era cumprir a Lei. Isto resultava numa forte responsabilidade individual, mas com o perigo do legalismo (as obras permitem acesso a Yahweh) e com a falta de ênfase na graça divina.

B. Características da teologia do judaísmo primitivo

1. Os judeus e o mundo.

- Israel sempre acreditou ser um povo peculiar, cujo Deus domina sobre todas as nações. Sendo uma nação com culto nacional, havia pouco espaço para assimilação de estrangeiros. O Israel pós-exílico caminhou em direções opostas.
- Embora o proselitismo fosse mais aceitável (bastava seguir a Lei), o exclusivismo era forte. Era preciso manter a identidade nacional (Ed, Ne, Macabeus). O orgulho em ser judeu produzia o menosprezo (e ódio) aos gentios (principalmente aos samaritanos) – atitude reprovada, talvez sem sucesso, no livro de Jonas.
- A salvação das nações, todavia, não perdeu seus defensores. E no triunfo escatológico de Israel as nações viriam para Deus.

2. Reflexão teológica.

- Na literatura judaica, encontramos reflexões teológicas inexistentes no primitivo Israel. A expansão do helenismo e a história da comunidade os levou a pensar mais. O monoteísmo triunfou completamente. Os profetas do período (Zc, Ml) não se preocupam mais com a idolatria. A tenacidade com que resistiram a Antíoco é uma prova disso. Deus é visto como Onipotente, Ser supremo, que controla os caminhos dos homens (Eclo). Especula-se sobre os mistérios da providência divina.
- A exaltação de Deus aumenta a relutância em pronunciar Seu nome (Yahweh). Passou a ser chamado de várias formas, ou por um de Seus atributos (por ex, Sabedoria em Pv). Em paralelo, enfatizou-se o estudo dos anjos; surge com isto o gnosticismo judaico. A partir do exílio, acentuou-se o problema do mal e sua relação com a justiça divina. A equação ortodoxa “pecado leva ao castigo” era questionada diante dos fatos: os ímpios prosperavam e homens de fé eram injustamente massacrados.
- O papel de Satanás e seus subordinados foi enfatizado – o mal passou a ser atribuído à ação de hostes de anjos caídos (cp 2Sm 24:1 x 1Cr 21:1). Tendências dualísticas (luz-trevas, ódio-amor, etc) se firmaram em círculos sectários (Qumran) e, mais tarde, na teologia de Paulo e João.
- A crença na ressurreição dos mortos se difunde, harmonizando a justiça divina com os fatos brutais da experiência, procurando além-túmulo uma solução para a desigualdade na vida terrena, mas não era unânime, gerando divisões.

3. A futura esperança.

- Uma característica saliente, além da preocupação com a lei, era a ênfase na consumação dos planos divinos. A esperança da existência continuada da nação, ou da vinda de um filho de Davi ideal que restaurasse o seu destino, não era mais possível após o exílio. A esperança no culto nacional e na teologia dinástica foi redirecionada pelos profetas para a nova intervenção que Yahweh faria, o novo êxodo que restauraria Israel diante das nações. A restauração realizada, todavia, não correspondeu às expectativas proféticas. Precisava-se readaptá-las ou desistir.
- A adaptação consistiu em forte ênfase no Dia de Yahweh, quando Deus interviria com poder na história criando uma nova ordem e um novo Israel. O Messias (filho de Davi) e a nova aliança não eram mais temas primordiais.
- A literatura do período se voltou para o apocalíptico, embora na Bíblia só permanecessem Dn e Ap. Os apocalipses se preocupavam em descrever os acontecimentos finais em linguagem esotérica, enfatizando números e visões. O fim da história é visto como uma luta entre Deus e Satanás, que culmina na criação de um novo mundo. Apesar do perigo de especulações vãs, esta fé na soberania de Deus na história manteve a esperança acesa, levando os judeus a permanecerem firmes, guardando a lei e aguardando a consumação dos fatos futuros.

Epílogo: em direção à plenitude dos tempos

- Onde termina esta história? O povo judeu persiste até hoje. Alguns preferem abordá-la até a destruição de Jerusalém, mas preferimos entendê-la até a formação do judaísmo, no final do AT. Uma questão

teológica se impõe: qual o final desta história de fé? São vãs as esperanças identificadas no fim do AT? A luta dos macabeus mostrou que os judeus não aceitariam serem incorporados ao helenismo. Viveriam como um povo à parte, de acordo com suas leis, aguardando a vingança divina. Atitudes concretas a serem tomadas neste intervalo não foram unânimes.

- As seitas e partidos dos tempos do NT são sintomas disto. Os saduceus eram os sacerdotes aristocratas que desejavam manter o status quo, a sociedade de culto regida sob a lei. Eram conservadores que não acatavam a lei oral dos escribas, mas se adaptaram bem ao helenismo e a Roma. Os fariseus eram o grupo zeloso pela lei, que lutou pela liberdade religiosa, mas sem conotações políticas. Tinham ética severa e eram abertos à tradição oral desenvolvida. Grupos nacionalistas, como os zelotes, diferiam dos fariseus apenas na conotação política: queriam independência de Roma já, aguardando a intervenção divina em seu socorro. Outros grupos sectários, como os essênios, viviam isolados, aguardando a consumação escatológica da história. Estavam convencidos de que o fim estava próximo. As divisões entre estes grupos não devem ser exageradas, pois todos participavam da mesma comunidade religiosa. Mas são um indício de que os judeus não estavam de acordo com respeito ao seu futuro.
- A resposta dos saduceus não tinha futuro, pois queria manter o status quo (e com o fim dele desapareceram). O nacionalismo militante só produziu a destruição nacional, sendo por isso desprezado. O apocalipsismo não se realizou e o judaísmo não se tornou uma comunidade escatológica. O futuro foi apontado pelos fariseus, que determinou o judaísmo sobrevivente.
- É assim que a história de Israel continua para os judeus: a esperança do AT ainda não foi realizada e sua teologia se realiza no Talmude. Há outra resposta, porém. Para os cristãos, a teologia e o destino da história do AT está em Cristo e Seu evangelho. Ele é o cumprimento da esperança de Israel. Assim, o AT em última análise nos leva a um posicionamento decisivo. Só há duas respostas à esperança identificada: o talmude ou o evangelho.
- Não há outra direção. A pergunta é: “Quem dizeis que eu sou?”.